A ARTE DE SER FELIZ  
Cecília Meireles  
  
Houve um tempo em que minha janela se abria sobre uma cidade que parecia  
ser feita de giz. Perto da janela havia um pequeno jardim quase seco.  
Era uma época de estiagem, de terra esfarelada, e o jardim parecia morto.  
Mas todas as manhãs vinha um pobre com um balde, e, em silêncio, ia atirando  
com a mão umas gotas de água sobre as plantas. Não era uma rega: era uma  
espécie de aspersão ritual, para que o jardim não morresse. E eu olhava para  
as plantas, para o homem, para as gotas de água que caíam de seus dedos  
magros e meu coração ficava completamente feliz.  
Às vezes abro a janela e encontro o jasmineiro em flor. Outras vezes  
encontro nuvens espessas. Avisto crianças que vão para a escola. Pardais que  
pulam pelo muro. Gatos que abrem e fecham os olhos, sonhando com pardais.  
Borboletas brancas, duas a duas, como refletidas no espelho do ar.  
Marimbondos que sempre me parecem personagens de Lope de Vega. Ás vezes, um  
galo canta. Às vezes, um avião passa. Tudo está certo, no seu lugar,  
cumprindo o seu destino. E eu me sinto completamente feliz.  
Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de  
cada janela, uns dizem que essas coisas não existem, outros que só existem  
diante das minhas janelas, e outros, finalmente, que é preciso aprender a  
olhar, para poder vê-las assim.